



Recebido em:
05/07/2017
Aprovado em:
06/07/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

DO LUGAR À PRODUÇÃO CIENTÍFICA: UMA EXPERIÊNCIA DE REDIMENSIONAMENTO DE SABERES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

ROSANGELA PATRÍCIA DE SOUSA MOREIRA
KATIA SOANE SANTOS ARAÚJO

EIXO: 19. EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Resumo

O Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio tem como premissa explorar as potencialidades das Geotecnologias e das Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC no entendimento da história, memória e manifestações culturais que se constituem no lugar, mobilizando processos formativos através do exercício dialógico e investigativo. Nesse sentido, tomamos um dos pilares do Projeto, o lugar, como uma base para compreensão de mundo, pois, para além das grades da educação formal, entendemos que este apresenta-se como ponto de partida, um real gatilho para esta proposta de intervenção por outra educação. Desta forma, essa produção tem um percurso empírico, onde se buscou entender os aspectos que envolvem a educação através da pesquisa e da aplicação do projeto, como uma possibilidade (re)constituente do aprender e (re)construtor do conhecimento.

Palavras-chave: Educação Científica. Projeto A rádio da escola na escola da rádio. Lugar.

Abstract

The Radio School Project at Radio School is designed to explore the potential of Geotechnology and Information and Communication Technologies (ICT) in the understanding of history, memory and cultural manifestations that constitute the place, mobilizing formative processes through dialogical and Investigative In this sense, we take one of the pillars of the Project, the place, as a basis for understanding the world, because, beyond the formal education grids, we understand that this is a starting point, a real trigger for this intervention proposal By another education. In this way, this production has an empirical course, where it was sought to understand the aspects that involve education through the research and the application of the project, as a (re) constituent possibility of learning and (re) constructor of knowledge.

Keywords: Scientific Education. Project The School Radio at Radio School. Place.

Introdução

A Educação na contemporaneidade vive um momento de crise, por não conseguir a partir de suas diretrizes e parâmetros oficiais, produzir sentindo as vivências e práticas *in loco*, intramuros da escola.

Nesta perspectiva, buscar outras ações que ressignifiquem o espaço, a história do sujeito e suas relações, permitem a construção do conhecimento, através do processo de ensino e aprendizagem contínuo, criativo e contextualizado com as dinâmicas do lugar. oferecendo condições plenas para o ato de aprender significativo. através de um movimento

único, sinuoso, oblíquo, transversalizado e balizado no saber-fazer durante todo o processo formativo educacional.

Os processos educacionais formais indicam o quanto isso vem sendo negligenciado, cristalizando a escola como instância de assimilação-reprodução, onde o modelo é verticalizado e reduz o discente a mero expectador de sua formação.

Deste modo, se faz necessário refletir e mobilizar uma educação básica pautada na construção do conhecimento, trazendo o sujeito enquanto autor/ator do processo criativo/construtivo, contrastando com a educação reprodutivista arraigada.

Para tanto, ressaltamos as intervenções do projeto “A Rádio da Escola na Escola da Rádio” como mobilizadores da ação educativa, a qual tem como pressupostos teórico-metodológicos a Educação Científica, sendo a pesquisa elemento dialógico entre os conteúdos escolares e a construção do conhecimento. Nesse ínterim, os participantes são alunos da Educação Básica, estudantes da Bahia e Sergipe, os quais procedem com pesquisa de campo com a finalidade de registrar a história dos lugares a partir de dados provenientes da memória, da história oral, mapeamento demográfico e cultural, das situações ambientais, imobiliárias, sociais entre outras, como elementos mobilizadores e mantenedores e propiciadores de “sentimento de pertença” por estes sujeitos à seu lugar vivido.

A metodologia adotada está baseada nos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa colaborativa aplicada, entrelaçando a trajetória profissional docente com o objeto de estudo/aplicação, ou seja, pautando no engajamento educacional, optando por ações e “outros” caminhos de intervenção e de análise da experiência vivida junto a realidade escolar desses alunos pesquisadores, representada e descrita neste escrito.

Projeto “Rádio da Escola na Escola da Rádio”

O Grupo Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade - GEOTEC, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB vem contribuindo desde 2007 com a Rede Pública de Ensino, correlacionando os aspectos da educação com propositivas inovadoras e tecnológicas por meio dos pressupostos epistêmicos e empíricos das tecnologias, das geotecnologias e das TIC para a compreensão das dinâmicas que se constituem no espaço.

Ao longo desses anos, o GEOTEC vem desenvolvendo projetos de grande relevância no aprofundamento de discussões sobre a importância das tecnologias nos espaços formativos. Como frutos, os projetos vêm representando a base de muitas pesquisas que culminaram em produções de teses, dissertações, além de capítulos de livros e inúmeras publicações em eventos nacionais e internacionais.

Os movimentos que são desencadeados pela dinâmica do grupo vêm potencializando a criação de novos espaços públicos de discussão em outras esferas e instituições, que por sua vez, facilitam, incentivam e retroalimentam a ocorrência desses movimentos, onde a presença da UNEB, através do GEOTEC, proporciona um repensar sobre o fazer educação, no lugar de pertencimento dos sujeitos participantes.

Um destes grandes projetos é o denominado A Rádio da Escola na Escola da Rádio, uma ação iniciada em 2010, com objetivo de reconstruir as histórias dos bairros da cidade de Salvador – BA, através da utilização das geotecnologias, apoiadas na proposta de Educação Científica, o qual deu seus primeiros passos no Colégio da Polícia Militar – CPM, unidades Lobato e Dendezeiros, onde pesquisadores do GEOTEC, juntamente com a Equipe do CPM, possibilitaram o envolvimento de alunos do Ensino Médio ao universo da pesquisa e assim, o (re)conhecimento e valorização da memória e da história de alguns bairros da capital baiana. Objetivando possibilitar aos sujeitos da educação o redimensionamento do entendimento do lugar, geotecnologias e das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC - à compreensão da história, memória e manifestações culturais, mobilizando processos formativos através do exercício dialógico e investigativo.

O Projeto “A Rádio da Escola na Escola da Rádio” aposta em uma Educação Científica para os sujeitos envolvidos na proposta, visando à valorização do lugar, através do aprofundamento dos saberes construídos nos lócus de vivência e experiência. Desta forma, o Projeto possibilita o reconhecimento e a percepção da própria identidade dos envolvidos, ressaltando as implicações do sujeito como ser social.

Um dos aspectos relevante do “Projeto da Rádio” está na dinâmica em promover e desvelar o entendimento do lugar, isso é possível em função de uma proposta tecida no aspecto investigativo e dialógico acerca dos saberes e a

valorização das experiências, bem como as observações do mundo. E por esta sua característica e múltiplas possibilidades de desenvolvimento, o “Projeto da Rádio”, iniciado no Colégio da Polícia Militar da Bahia – CPM, hoje está presente em outros espaços, e dialogando com públicos de diferentes idades.

Os alunos e professores das escolas da Rede Pública, mediante os pressupostos desse projeto são motivados pelas potencialidades das Geotecnologias e das TIC, o registro da história dos bairros e a memória de eventos e fatos que constituem o Estado da Bahia, a partir do lugar vivido e percebido, potencializando a ser reinventado e valorizado em sua essência. Alicerçado em uma perspectiva de pesquisa aplicada e de engajamento, esta proposta encontra-se pautada em uma metodologia colaborativa, a qual se respalda nos elementos evidenciados, empiricamente, nas interações com moradores e habitantes dos espaços baianos, possibilitando-os a perceber que a sua cidade tem um valor histórico, cultural e humano, e que está nas “entranhas” do patrimônio brasileiro. Marco fundante que evidencia as singularidades do Brasil e todas as suas contradições. Apoiado no potencial das TIC com o pressuposto de compreender a escola como lugar de construção e reconstrução de novas culturas, agregando a cultura científica, social, política, midiática entre os alunos associadas aos processos tecnológicos.

Educação Científica na perspectiva do projeto “A Rádio da Escola na Escola da Rádio”

A perspectiva de Educação Científica, para nós do GEOTEC, corrobora com os anseios das ciências sociais e humanas delineada por Brandão ao suscitar que “ao invés de limitar o olhar a ver a pesquisa científica, considero todas as modalidades de pensamento e de ações criadoras de conhecimento, sentido e significado como formas legítimas de investigação.” (BRANDÃO, 2003, p. 7).

Nesse sentido direcionamos o nosso olhar sobre a temática Educação Científica, seguindo o princípio que, independente das características que nos diferenciam e nos individualizam como humanos, somos seres dotados da capacidade de sentir, pensar, perguntar e, por conseguinte, buscar respostas para as nossas indagações.

O ser humano é um ente que sabe, e por saber, o ato de pesquisar está intrínseco ao ato de conhecer, e a ciência é uma forma de construir conhecimento sobre o mundo. A construção do conhecimento é uma singularidade da condição humana e assim sendo, a todo o momento, “[...] é necessário voltarmos às coisas simples, à capacidade de formular perguntas simples, que só uma criança pode fazer, mas que, depois de feitas, são capazes de trazer uma luz nova à nossa perplexidade”. (EINSTEIN, 1953, p.87). Dessa forma, compreendemos a pesquisa como princípio formativo, capaz de ressaltar a capacidade criativa e transformativa dos sujeitos, corroborando para o reencontro e reconstituição do sentido e do prazer de conhecer.

Na nossa compreensão a pesquisa, não é uma ação isolada, mas um processo educativo, interlocutório, contínuo, solidário, o qual resulta na construção de novos conhecimentos, pois (...) pesquisar, (...) é também dialogar, no sentido específico de produzir conhecimento do outro para si, e de si para o outro, dentro de contexto comunicativo. [...] (DEMO, 2006, p. 39).

A partir dessa concepção foi estruturado um eixo discursivo no projeto, baseado em uma educação que se reconstrói e em que novos conhecimentos emergem, (re)significando o ato pedagógico e educativo, por meio de outras estratégias, ou seja, redimensionando a trajetória da aprendizagem para atender a uma demanda, antes vertical e que hoje emerge, diretamente, do aluno, dialogando entre o âmbito formal (da escola) e não formal (elementos da vida cotidiana, na qual seduz e produz sentido para estes) .

Seguindo os princípios da criatividade/construção, ou seja, o processo de ensino/aprendizagem baseados na investigação, denominada por nós, grupo do GEOTEC, de Educação Científica, como estratégia essa mobilizadora e articuladora da produção de conhecimentos.

Na certeza que educar é também pesquisar é que se destacam as reflexões acerca das questões sociais, história, memória, cultura dos lugares vividos e experienciados pelos partícipes desse projeto. Pois essa ação, também se caracteriza como potencial no fazer científico através das relações sociais e das conjecturas entre sujeito e lugar como fomento para a produção do conhecimento.

Esse movimento pressupõe compreender a complexidade e as particularidades dos espaços urbanos; a necessidade da ampliação e difusão da ciência; a emergência do envolvimento de sujeitos-alunos no “fazer pesquisa” e “ser pesquisador”; a popularização da ciência através de parcerias. Diante desses argumentos é possível entender a

importância da Educação Científica no entrelaçamento com a educação formal.

Entretanto, ainda se destaca um longo distanciamento entre o fazer científico e a formação dos sujeitos. A escola aos poucos vai obliterando a relação do aluno com a construção do conhecimento e a universidade, em alguns casos, toma esse fenômeno, apenas, como objeto de especulação. Ao fazer um breve retrocesso às etapas formais educacionais percebemos claramente como esse processo vem sendo gradativamente esfacelado.

Começaremos pela primeira infância, denominada como fase das descobertas, na qual as crianças são instigadas a conhecer e operar sobre o mundo, produzindo, formatando e gerando conhecimento que subsidiará todo o seu processo de existência. Um pouco mais tarde, mas ainda nesta fase, vem à época dos “porquês”, por que isso, por que aquilo, e por quê – Quem nunca passou por “essa saia justa”, ao ser intermitentemente indagado por um pequeno – Todos. Creio. A infância continua e chega o momento de ir à escola – Vamos experienciar! – frase bem comum a uma rotina de Educação Infantil, onde de tudo se pesquisa: a vida em família, a dos insetos, do fundo do mar, de onde viemos, o jardim de casa, a vida secreta das abelhas - são tantos os projetos de pesquisas que fazem inveja às certas pretensões investigativas acadêmicas.

A caminhada educacional segue - Ensino Fundamental I, as abrangências das descobertas já começam a ser limitadas, como por exemplo, os Parâmetros surgem como diretrizes a serem seguidas. Porém, parâmetros são parâmetros, nada que uma boa criatividade não dê conta, ainda é possível se emaranhar na bricolagem das descobertas, alicerçadas pelos temas transversais algumas trilhas investigativas se delineiam.

No viés da linearidade do processo formal educacional vemos no Ensino Fundamental II os primeiros traços da cientificidade se firmarem, os conteúdos agora são divididos por disciplinas (FOUCAULT, 2008) e por professores especialistas, cada um em sua área e em sua especificidade; mesmo com intenso movimento para convergência interdisciplinar os caminhos são sistematicamente traçados área por área; e um verdadeiro *boom* se forma nas vidas dos não tão pequenos e também não tão grandes. E, finalmente no Ensino Médio percebo, nitidamente, a demarcação da ciência moderna disciplina por disciplina, conteúdo por conteúdo, uma engrenagem de sentido único e com fins específicos. Descobrir, pesquisar, analisar dá lugar ao absorver e reproduzir.

Esse passeio demonstrativo apresenta um panorama genérico sobre os princípios da pesquisa na Educação Básica. Entretanto, vale salientar que mesmo em pequena proporção há exemplos que expressam a grandiosidade do fazer ciência nos primeiros anos educacionais. Contudo percebo que na Educação Infantil e no do Ensino Fundamental I, tanto nas instâncias privadas quanto nas públicas, existe um movimento maior de inserção de múltiplas linguagens, mas no que se refere aos anos seguintes o que normalmente se destaca é a carência de ações que visem à constituição de elementos investigativos e constitutivos de uma cultura científica.

No delineamento desse processo, me deparo com algumas indagações que se fazem necessárias e, que você leitor está na eminência em nos perguntar: que abordagem de ciência vocês trazem em sua proposta Vocês falam da ciência de que lugar Em que compreensão de ciência baseia-se o projeto “A Rádio da Escola na Escola da Rádio” Vocês discutem Educação Científica, mas que pretensão de ciência é essa Confessamos que esses questionamentos nos inquietam, pois os mesmos são gerados do cerne acadêmico, no qual sujeitos discutem e criticam as ciências como foram impostas ou construídas ao longo das suas histórias - ciências da natureza, vida, pessoas, sociedade - conhecimentos paulatinamente separados em partículas, experienciados, validados e compartimentados em suas especificidades.

A nossa pretensão argumentativa não é negar a importância da ciência clássica em nossa história, seu valor tem caráter imensurável. Hoje, conhecemos fatos científicos que transformaram o mundo (relógio, escrita, logaritmo, lei da mecânica, as máquinas a vapor, eletricidade, astronomia, teoria da relatividade, satélite, eletrônica, informática, linguagem digital entre inúmeros outros) e que impulsionam e motivam cientistas, pesquisadores, professores e curiosos. Contudo, esses fatos não se isolam na cientificidade pura e hegemônica, ao intercruzarem com a “[...] especificidade do ser humano e sua distinção polar da natureza” (SANTOS, p. 39, 2006) eles se (re)constroem, (re)formulam e se (re)constituem. Sancionando a intenção de destacar que na contemporaneidade, não cabe mais essa dissociação, pois à medida que “[...] as diferentes ciências interagem e se aproximam da lógica e dos dilemas das ciências sociais, estas se aproximam das humanidades” (BRANDÃO, 2003). Estamos em um momento transdisciplinar dos conhecimentos, “[...] segundo padrões de referência não muito diferentes daqueles com que outras percebem e interpretam o fenômeno da vida, da pessoa humana e da vida social” (BRANDÃO, 2003),

processos pelos quais determinadas ciências fornecem princípios e fundamentos para outras, nas quais os saberes são interativos como uma rede de relações, uma interdependência, a qual:

A distinção dicotômica entre ciências naturais e ciências sociais deixou de ter sentido e utilidade. Esta distinção assenta numa concepção mecanicista da matéria e da natureza a que contrapõe, com pressuposta evidência, os conceitos de ser humanas, cultura e sociedade. Os avanços recentes da física e da biologia põem em causa a distinção entre o orgânico e o inorgânico, entre seres vivos e matéria inerte e mesmo entre humano e o não humano. (SANTOS, 2002, p. 61).

A definição mecanicista das ciências naturais não consegue trazer à luz os aspectos simplórios que envolvem a complexidade e a singularidade humana, por conseguinte a generalização conclusiva. Também, não mensura a composição holística dos processos culturais e sociais. Em 1877, já suscitava o debate em torno das relações de convergência entre as ciências, ao afirmar que a “[...] ciência depende dos princípios que outras ciências mais gerais lhe fornecem” (PEIRCE, 1987, p. 272). No limiar do tempo, essa discussão toma novos rumos sendo que a lógica da ciência unitária (FOUCAULT, 2008) se desmorona e com ela a possibilidade de um saber definitivo, absoluto, pleno. Vivemos em um período de grandes transformações, onde os tempos atuais não concebem uma lógica única, a razão pela razão.

Somos seres multifacetados, munidos de diferentes visões e concepções. Bauman (2000, p. 04) afirma que “[...] vivemos em tempos líquidos. Nada é para durar”, o que outrora era sólido, permanente, se liquefez e a estrutura, antes inabalável e indestrutível, derreteu-se no imperativo de uma lógica que o líquido fluidifica, dissolve, se desfaz. Estamos em um momento de recriação, reformulando processos, estruturas e novas formas de sociabilidade. Tudo o que parecia definitivo em termos de conceitos, categorias ou interpretações relativas aos aspectos da realidade social, parece perder significado (IANNI, 1996), tomando outros sentidos, surgindo infinitas categorias, agora mais desafiadoras, menos consistentes, mais fluídas, constituindo-se como uma realidade original, desconhecida e, ainda, carente de interpretação.

Ao estender o olhar para o campo da Ciência para além dos moldes da legitimidade e exatidão, compreendemos sob o dinamismo dos aspectos da contemporaneidade, percebendo que as ações que mobilizam o pensamento e que desenvolvem o conhecimento são, também, ações que instigam o fazer científico.

Autores como Foucault (2008) Brandão (2003), Brandão e Streck (2006), Hetkowski (2009), subsidiaram a construção dessa concepção conceitual ideológica. O artigo de Ferrara (1987), intitulado como “A ciência do olhar atento”, levanta questões úteis:

Onde está o prazer do conhecimento No reconhecimento da tradição! No domínio de uma classificação! Na descoberta do sujeito que conhece! Na revelação do objeto que envolve o homem! Na união epifânica entre o ser que conhece e o objeto conhecido! Uma simples questão: que nos ensina a ciência (FERRARA, 1987, p. 03).

Onde está o prazer do conhecimento Resposta: Não temos. Perplexidade: muitas! Mas é possível sugerir algumas pistas (objetivo proposto por esse trabalho) e afirmar que fazer ciência não consiste em uma ação passiva perante o objeto, em simplificar a realidade ou em sacramentar um saber rigoroso, definitivo, validado e testado por padrões objetivamente definidos.

Segundo Ferrara (1987), fazer ciência “[...] é, antes, uma questão de comportamento; planejar a ciência que queremos: ciência como coisa viva e não como uma mera definição abstrata”, ou seja, fazer ciência é um ato dialético, criativo, educativo e integrante de um processo emancipatório.

Neste imperativo, destacamos a perspectiva científica foucaultiana nomeada como “Arqueologia do Saber”, numa outra via do fazer científico, ressaltando as questões das Ciências Humanas e Sociais como proposições do fenômeno de ordem empírica que se produz no homem, por meio da representação do “eu” no mundo. No entanto, para Foucault (2008) a representação não é constituída de uma ordem, um momento, um dado, mas sim de um elemento representativo da consciência do homem em relação ao objeto:

[...] em nossos dias, a história é o que transforma documentos em monumentos e que

desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos. Havia um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; que poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento (FOUCAULT, 2008, p. 8).

Ou seja, o homem reconstrói sua história, instaurando uma realidade discursiva por meio do que foi dito; e, sendo o homem o produto do discurso, uma criação da sua linguagem, logo a “Arqueologia do saber” é uma propositiva científica que apura como o homem constrói e entende a sua própria existência.

Nesse sentido, a compreensão de ciência aqui apresentada tentou expandir os rigores postulados pelos cânones modernos, para uma perspectiva outra, na qual o saber é constructo da experiência viva, da dialética, dos desdobramentos dos sujeitos e das suas representações dos espaços, memórias, processos, estruturas e formas outras de sociabilidade.

Neste enfoque, destacamos o entrelaçamento entre esta propositiva filosófica com a compreensão de técnica e tecnologia advinda da gênese histórica, a qual compreende o “processo de transformação tecnológica mediante as bases materiais e imateriais” (HETKOWSKI, 2009) ressaltando a exploração das TIC para o entendimento do lugar, especialmente, com uso dos meios de comunicação e das geotecnologias como potencializadores da Educação Científica a fim de promover a popularização da ciência e tecnologia a partir do exercício dialógico e investigativo com alunos da Educação da Rede Pública da Bahia e de Sergipe.

O (re)conhecimento do lugar na produção de conhecimento

A discussão sobre lugar e seus nuances representam um dos pilares do Projeto da Rádio, isso porque o lugar está presente no cotidiano das pessoas, seja como conceito ou simplesmente, como palavra. Segundo Moreira (2015), o lugar pode ser entendido como parte de imenso quebra-cabeça, repleto de signos e significados, diante da singularidade de cada agente social. E, diante da riqueza deste olhar individual sobre o lugar, é que o Projeto da Rádio encanta os partícipes da proposta, pois possibilita o (re)conhecimento do próprio lugar, através de ações da educação científica, que via atividades investigativas, desvela ao mundo, as histórias, memórias, causos, desse universo partilhar, repleto de sentimentos topofílicos ou topofóbicos (TUAN, 1980).

O mesmo lugar, também pode ter outras interpretações, quando passamos reconhecer que o mesmo passa a sofrer interferências do mundo externo, absorvendo características e se redefinindo. Uma verdadeira troca, em um eterno e contínuo ir e vir de informações e comunicações. E nesse movimento pendular, aquele lugar particular, passa a ter outras referências, agora coletivas, sendo percebido, interpretado e vivenciado por toda sociedade, cultuado e visto por diferentes olhares (MOREIRA, 2015, p. 42)

Na perspectiva apresentada pela autora, o Projeto da Rádio enaltece essas diferentes formas de interpretar o lugar, potencializando nos jovens partícipes, esse olhar crítico e curioso por resposta às suas inquietações. Estas culminam em inúmeras atividades, que permeiam em diversas temáticas de investigação sobre o lugar, e nele ressaltando situações sociais, questões econômicas, transformações espaciais, aspectos e patrimônios históricos, comportamento juvenil, e também linhas sobre abordagens sobre educação, arte, cultura e musicalidade.

Em todas as abordagens, os jovens pesquisadores buscam o reconhecimento e a valorização do lugar, ao passo de incentivar uma reflexão à sociedade acerca da temática central de suas investigações. Isso porque, esses jovens se percebem responsáveis pela manutenção de suas histórias, as quais caracterizam e definem o lugar. Não podemos esquecer que é no lugar que a história acontece, e que seu estudo apresenta um leque de possibilidades de compreensão da própria sociedade, que para além da ótica determinista, capta as transformações no espaço ocupado, vivido e transformado.

Ao ter acesso a tais possibilidades de compreensão, os jovens pesquisadores passam a fazer associações entre os saberes vividos / percebidos, aos conhecimentos teóricos, adquiridos através de discussões com seus grupos de trabalho dentro do Projeto da Rádio, e assim começam a confrontar questões do seu dia a dia, buscando o encaixe de peças que juntas, lhe permitem entender e imprimir sentido ao mundo ao seu entorno.

A partir da compreensão do seu lugar, desenvolvemos o exercício de questionamento aos fenômenos espaciais, ao passo que potencializamos nos jovens seus posicionamentos críticos para com a sociedade e ao mesmo tempo, sobre seu papel de agente transformador desse espaço de vivência, promovendo uma reflexão coletiva, acerca de suas responsabilidades sobre lugar.

Nesse exercício de reconhecimento do lugar, sua valorização e a consequente agregação de conhecimentos, ações estas propostas pelo Projeto da Rádio, tornou-se importante o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC e recursos geotecnológicos, ambos como potencializadores na dinâmica de reconhecimento desse espaço vivido. Isso porque as TIC podem ser representadas através por diferentes instrumentos ou mídias, a exemplos de matérias assistidas na televisão, à interpretação de letras em canções que abordem a temática da investigação, uma seleção de fotografias para registros de imagens, ou mesmo a discussão de um filme.

Diante disso, cabe ressaltar que, o papel das geotecnologias e das TIC tornam-se importante na promoção de uma reflexão com os jovens sobre a diversidade de aplicações, ao passo que ampliam as diferentes possibilidades para reconhecimento e entendimento do lugar.

Considerações finais

A inserção da Educação Científica de modo intervencionista, potencializa outros saberes na Educação Básica, pois apresenta aos alunos partícipes da proposta do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio, outro olhar sobre o lugar em que vivem. O grupo de pesquisa em Geotecnologia Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, propõe pensar outra educação, apoiada em pilares como história, memória, lugar, geotecnologias e TIC, são sustentados por conhecimentos prévios dos jovens, os quais, muitos não são abraçados pelos tradicionais currículos escolares, mas que devem fazer parte da formação acadêmica ou mesmo social destes jovens.

Contudo, o cenário atual de muitas escolas, ainda apresenta uma formação voltada apenas na reprodução do conhecimento, e pouco incentiva ou valoriza a construção de novos, sobretudo, aqueles a partir da vivência de nossos jovens. O processo criativo dos alunos é pautado na curiosidade, a qual vem sendo gradativamente ceifada em nossas aulas, pois a carga de conteúdos não permite muitas interferências externas. Com isso, tais espaços começam a assumir a forma enfadonha e de completo desinteresse, pois os alunos não se sentem inserido no contexto ora discutido nas aulas.

Pensando nesse aspecto da educação reprodutora e nas inúmeras possibilidades de trazer o aluno para o papel principal da formação, o Projeto da Rádio busca através da Educação Científica, valorizar o aluno, ao passo que fomenta a curiosidade por questões do seu lugar. Não podemos esquecer que nossos alunos não são tábulas rasas, e trazem consigo, inúmeros sentimentos, com um misto de histórias e curiosidades sobre seus lugares de vivência. Mas, que por vezes, nós que nos dizemos profissionais da educação, vamos de encontro ao que pregamos, e aos poucos, preocupados com a aula, enterramos ali, mais que a curiosidade dos jovens, mas as possibilidades de transformação, perspectivas de um futuro amante da pesquisa social.

Assim, o Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio*, presente em alguns espaços de educação, apresenta o desenvolvimento da educação científica para além de uma proposta de intervenção, mas numa possibilidade de se pensar uma educação pautada também pelo viés da própria educação científica. Nesse sentido, possibilitando aos jovens apresentar seus questionamentos e a partir deles, desvelar propostas de investigação sobre seus lugares, reafirmando então, um elo entre o lugar e o mundo, do ser ali e a percepção de suas interferências a partir desse micro espaço, como um reflexo em sua totalidade.

Por fim, cabe ratificar e salientar que, por mais que tenhamos admitido ser o lugar uma pequena peça do grande quebra-cabeça dessa imensidão que chamamos de espaço geográfico, ele sempre estará suscetível às influências do mundo. Nele estão representadas as nossas referências, estão a base para compreensão de nosso papel enquanto ser social e responsável pelas transformações em que acreditamos, pois é a partir desse diálogo entre o lugar, que

passamos a perceber esse mundo de múltiplas faces e possibilidades, que se desvela a partir da compreensão do próprio lugar.

Referências

BAUMAN, ZYGMUNT. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRANDÃO, C. A. L. As cidades da cidade. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. C. R; STRECK, D. R. **Pesquisa Participante: A partilha do saber**. 2 ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

EINSTEIN. R. S. **Einstein On The Atomic Bomb Atlantic Monthey**. 1953.

FERRARA, Lucrécia D&39;Aléssio. **A ciência do olhar atento. Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC – SP**. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso. 13/01/2017.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HETKOWSKI, Tânia Maria. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem e prática pedagógica**. Disponível em: . 2009. Acesso em 03 de maio 2017.

IANNI, O. **A era do globalismo**. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MOREIRA, R.P.S. **O lugar da pesquisa na educação geográfica: relatos de experiências dos alunos do ensino médio IFBA – Campus Valença. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia – UNEB**, Salvador, 2015, 110p.

PEIRCE, C. S.: **Escritos Coligidos**. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. In: Coleção Os Pensadores; Abril Cultural, São Paulo, 1974.

SANTOS, Milton. **Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da USP, 2006.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

.